

## *“Dia Nacional da Consciência Negra” é comemorado no Recife por intelectuais*

O “Dia Nacional da Consciência Negra” será comemorado no Recife, no auditório do Sesc, segunda e terça-feira, com exibição de filmes, palestra e lançamento de um livro. As comemorações estão sendo organizadas por um grupo de intelectuais negros de Pernambuco, pelo aniversário da morte de Zumbi dos Palmares, na próxima terça-feira, a exemplo do que aconteceu no ano passado em São Paulo, quando um grupo de negros realizou uma passeata pelas ruas e uma concentração em frente ao Teatro Municipal, e celebrou o aniversário da mor-

te de Zumbi, como o “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Segundo o professor Sílvio José Ferreira, psicólogo social, essa manifestação tem como finalidade “fazer com que o negro readquira a sua identidade étnica e se torne consciente das manifestações veladas de preconceito e racismo que contra ele são dirigidas. Também alertá-lo sobre as reais condições sociais em que vive, pois na sociedade brasileira o negro constitui uma população significativa, estranhamos o fato de que os desassistidos sociais sejam sobretudo os negros”.

Por que é que o IBGE não quer colocar o item cor nos questionários? — indagou ele e adiantou: “Vai permitir evidenciar um fato que se constata empiricamente”.

### PROGRAMA

O programa do “Dia da Consciência Negra” consta de exibição segunda-feira do “Filme 25”, sobre a libertação dos negros de Moçambique e o lançamento do livro “Estabelecer o Poder para Servir as Massas”, de autoria do presidente moçambicano Samora Machel.

o 18 novembro 1979

---

# Capoeira

ARQUIVO PÚBLICO

---

## *A dança marcial do Brasil*



**A** Capoeira é um jogo atlético, constituído por um elemento de ataque e defesa, de carácter individual e origem folclórica genuinamente brasileira, surgido entre os escravos bantos procedentes de Angola, no Brasil Colonial, e que, apesar de intensamente perseguido até as primeiras décadas do século XX, sobreviveu à repressão e atualmente se amplia e se institucionaliza como prática desportiva regulamentada. (Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa — Aurélio Buarque de Holanda).

No Rio de Janeiro, sabe-se que havia capoeira entre os escravos. A forte repressão nas primeiras décadas do século, porém, praticamente matou a capoeira popular carioca (o que não aconteceu na Bahia nem em Pernambuco, onde era maior o contingente negro.) Ela sobrevivia, apenas, no ambiente da estiva, reduto da força de trabalho mais marginalizada após a Abolição: os descendentes dos negros rebeldes dos quilombos. Para o trabalho no cais se encaminhava, também, grande parte do exódo nordestino, que trazia em sua bagagem, entre azeite de dendê, ternura e candomblé, a capoeira.

no, que trazia em sua bagagem, entre azeite de dendê, ternura e candomblé, a capoeira.

**E**a dança-luta começa a ressurgir no Rio, nos quintais de subúrbio, regada a moqueca

e cachaça. Como na casa do estivador "Zé Ignorante", em Coelho da Rocha, onde se tornaram famosas as rodas de domingo.

No início da década de 50 começa a divulgação da

capoeira de academia no chamado "sul-maravilha". Mestres baianos abriram as primeiras. Artur Emídio em Bonsucesso, Roque na praça Tiradentes. Mestre Mocinho, carioca, na Rua Marquês de Sapucaí. Mestre Rafael fundou, no Cosme Velho, o grupo Senzala, pioneiro na Zona Sul. Mestre Leopoldina, o grupo Bantos de Angola, que divulgou a manifestação folclórica em programas de televisão e, no carnaval de 1961, estreou na Mangueira a ala de capoeiristas "Vê Se Entende".

Como forma de sobrevivência, na década de 60, os mestres passaram a dar aulas em faculdades, o que explica o fato de a prática da capoeira se situar hoje no Rio (e em São Paulo) muito mais na classe média que na sua classe de origem.

Foi assim que muitos universitários conheceram e se iniciaram na capoeira.

Alguns a ponto de abandonarem a carreira para a qual se preparavam e se tornaram capoeiristas.

No Recife, a capoeira, infelizmente, ainda não conseguiu status universitário. Inclusive não tem raízes populares.

### *Esperteza faz da luta um ritual de dança*

"Andrada, arranca este pendão dos ares!

Colombo, fecha a porta dos teus mares!"

! A retumbante indignação final do "Navio Negreiro", de Castro Alves, pede licença para se sacudir da poeira das antologias escolares e vir lembrar o sentimento brasileiro de vergonha da escravidão. Foi em nome de tal remorso que o conselheiro Rui Barbosa mandou queimar, em 1891, todos os documentos relativos ao cativo-ro, quase impossibilitando o

# rasil

trabalho de historiadores, etnólogos e folcloristas interessados em pesquisar a história da capoeira.

As divergências começam quanto à origem do termo, objeto de longas polémicas. Alguns falam do tupi-guarani caá-puera, que quer dizer mate cortado. Outros da ave que tem este nome outros dos capões (galos) que os escravos transportavam em cestas de taquara também chamadas capoeiras. Mas a versão mais lógica parece ser a que conta que os negros rebeldes dos quilombos se emboscavam nas matas de capoeira, à beira do caminho, para atacar carruagens que passavam com mantimentos.

O que já não se discute mais é a nacionalidade da capoeira. Ela nasceu mesmo no Brasil, não foi trazida da África. Simplesmente porque não se encontra, no folclore africano, nada semelhante. Há, sim, berimbeus, usados no pastoreio, em ritos e em festas populares, mas nunca numa luta. E existem danças de regozijo por uma caçada bem sucedida, como a dança da zebra, onde há movimentos semelhantes aos da capoeira. O que se concluiu é que a capoeira nasceu da coexistência, na senzala, de diferentes culturas africanas. E os bantos de Angola teriam sido seus inventores. Pois eram os que não se adaptavam aos trabalhos forçados, os que mais fugiam.

— Eram assim como eu — diz o veterano mestre carioca Leopoldina. — Só gostava de serviço leve, arrumação de casa. Eram negros sorridentes, cheios de dialetos, negros malandros.

Eu vou dizer a meu sinhô  
Qui a mantega derramô  
A mantega não é minha

A mantega é do sinhô  
(cantiga tradicional)

Esta esportividade usada como tática de luta e de vida, talvez seja o fundamento central da filosofia da capoeira. Diz Leopoldina:

— A capoeira surgiu como luta disfarçada de dança. O berimbau foi introduzido para camuflar. Os escravos estavam jogando, os senhores chegavam, eles diziam: "Tamo brincando de Angola, sinhô". Faziam caretinhas, rodopiavam. Os senhores gostavam do ritmo, batiam palmas. Quando se afastavam, eles, então, botavam o pau pra quebrar.

Após a abolição, proibida por lei, a capoeira tornou-se uma manifestação "cada vez mais marginal, marginalizada e de marginais", segundo um estudioso.

Na década de 30, começou a decair a utilização de capoeiristas como capangas ou em manobras político-eleitorais. Diminuiu a repressão, a capoeira marchou para a absorção cultural.

Em 1937, Manuel dos Reis Machado, mestre Bimba, é o grande pioneiro da oficialização, conseguindo, da Secretaria de Educação da Bahia, permissão para abrir a primeira academia. "Mas — contam os capoeiristas — era tão ruim o nome da capoeira, que ele deu ao curso o nome de Cultura Física Regional Balana".

Ao metodizar o ensino da dança-luta-jogo; introduzir novos golpes, provenientes de elementos de lutas estrangeiras; adotar uniforme e hierarquia de cordas coloridas na cintura; dar-lhe um caráter mais esportivo e de defesa pessoal, Bimba criou a chamada "capoeira regional". A dança original, ainda hoje bastante semelhante à dos negros bantos, continuou sendo chamada "capoeira Angola". Surgiram as duas correntes de capoeiristas: os regionalistas, seguidores de Bimba, e os angoleiros, adeptos de Pastinha. (Pegina Guerra).



*A capoeira é brasileira, mas sua história se perde no tempo*

## Samba-enredo do "Verde Rosa" será escolhido hoje

Hoje será dia de muita animação no "Verde Rosa", durante o ensaio desta tarde, no Centro Social que funciona próximo à igreja do Pina. Além de muito samba e muita alegria, será realizada a seleção do melhor samba enredo para a escola desfilarem no carnaval de 1980.

Jardo Cordeiro, Lula Castro e Jairo Malta enviaram convite para que o estrevinhador participasse do júri que vai escolher o samba, mas infelizmente, por motivo de viagem (a esta altura devo estar em Natal tratando de assuntos comerciais) e não

chegarei à tempo de participar, o que me deixaria muito honrado.

Mas, na comissão tem o nome de meu colega e amigo José Almir, o que me deixa tranquilo pela qualidade do que for selecionado. Na comissão, muitos outros nomes que já garantiram suas presenças, inclusive o Prefeito Gustavo Krause, que retornou de uma viagem que fez ao Rio.

Várias composições estão participando do julgamento, assinadas por Jarbas Melodia, Edvaldo Uchoa 'Preço', Boneco de Mola, Galego e Neo; além de Amaral, Nani e Belo X.



Os pintores Fernando Coelho (Bahia) e Lulu Cardoso Ayres (Pernambuco) ladeados por Renato Lima e Asdrubal Brandão (do Grupo Odebrecht), em jantar no "Mourisco". Os artistas vão fazer dois de seus trabalhos para o Centro Empresarial Iguatemi, que será inaugurado no próximo ano, em Salvador

## Racismo caboclo

Murilo Marroquim

O novo recenseamento da população brasileira ameaça cair num supremo ridículo. Debate-se se o item «cor» deve constar do questionário, pois poderia ofender a negros, mulatos, índios e outras nuances de raça e pigmentação. Inaugurariamos um racismo nacional às avessas, pois o «moreno» possui o maior índice populacional do país.

Mesmo no sul, de maior colonização branca européia, a morenidade está aumentando. O nosso próprio racismo nordestino deveu-se aos preconceitos importados e os livros clássicos de Gilberto Freyre esgotam a matéria. Mas, o antagonismo da escravatura foi amaciado pouco a pouco, e já hoje casa-grande e senzala começam a fundir-se. Em boa parte, a presença do sertanejo branco na zona canavieira misturou generosamente o sangue, multiplicando as belas mulatas de olhos verdes e azuis.

Os senhores de engenho ainda resistem ao casamento das filhas com negros, mas admitem que os morenos abrançados, de bom futuro econômico, entrem na família. E hoje é um fato que, na zona da mata canavieira, a presença do negro se torna a cada ano menos acentuada.

Se o fenômeno entre nós requer a análise dos especialistas, chama a atenção, por outra parte, o que se passa em alguns países. Por exemplo, em Londres, compreensível e amável para com todas as etnias, durante e depois da guerra, e sobretudo com os soldados negros americanos à espera da invasão. Havia mais do que simpatia fraterna — havia convivência de cama e mesa.

Pois esta outrora admirável Londres se revolta agora contra os imigrantes do seu ex-império, segregados e até os agride, em conflitos diários de uma Harlem mais gigantesca. Nas manifestações de protesto, vi um cartaz elucidativo: «It's estimated that you are here because you were there».

Uma tal ferocidade não existiu entre nós, senão nos princípios da escravatura. Um bom testemunho é o de Gilberto Freyre, em entrevista que me concedeu para a «Revista Nacional», que circula aos domingos com este jornal. Recebi muitas cartas sobre essa entrevista, sugerindo que Gilberto a publique, inclusive no livro «A procura de um menino perdido», que está a escrever.

Um artista que desenha muito bem, Gilberto foi um encantado pelas verdes e róxas da nossa liturgia católica; mas também pelo negro, o negro sadio de sua babá Isabel, quando já despontava o escritor visual e plástico.

A Isabel não lhe ensinou apenas a linguagem regional que ele veio a empregar revolucionariamente nos seus livros. A negrinha deve ter-lhe feito afagos não de todo fraternais. Que menino de engenho n.º 0 teve as cheiros e nos cafunés, nos barbos de rio e nos ressaltos para dormir, mais com as mãos do que com a voz?

«Sem que eu o soubesse, creio que Isabel foi o meu primeiro amor», confessou-me Gilberto. Será mesmo que não o sabia e não o sentia?...

## Dia nacional da consciência negra

Ormino Pires Filho

Convidou-me Sylvio José Ferreira, professor de psicologia social da UNICAP, para participar das cerimônias do Dia Nacional da Consciência Negra, que se realizou no dia 20 de novembro passado. Trata-se de uma data em que todos os negros do Brasil reúnem-se para refletir sobre o papel do negro na sociedade brasileira. É claro que essa reflexão é feita durante várias vezes no decorrer do ano. O dia 20 quer apenas solenizar a data. Alguém poderia perguntar se o negro ainda tem algum problema de adaptação dentro da sociedade brasileira. Alguém poderia afirmar que a Lei Afonso Arinos de Melo Franco proibiu qualquer tipo de discriminação ou de segregação racial no Brasil e os que, inadvertidamente infringiram-na, tiveram que amargar um vexatório processo.

Lembro o caso de uma escola primá-

ria do Rio de Janeiro, que se negou a receber um garoto negro sob a alegação falsa de que não havia vaga. O pai, advogado, provou posteriormente na justiça que o motivo da recusa tinha sido racial e a escola teve sua licença de funcionamento cancelada pela autoridade judicial. Recordo ainda um doloroso e sintomático caso de um padre negro rejeitado pelos seus paroquianos. O bispo, diante dessa manifestação de anticristianismo, fechou a Igreja, sob a alegação de que não havia cristãos no local...

Há, no Brasil, uma velada, discreta, disfarçada segregação racial. Há, também, uma evidente, clara, e às vezes acintosa e ostensiva discriminação racial. É lamentável, é vergonhoso reconhecer isso. Mas é verdade. Mesmo quando o negro consegue ascender financeiramente sua ascensão social é, quase sempre, ex-

tremamente difícil. Quase impossível. Tudo isso é consequência do nosso passado. Um passado que oficializou a escravatura como instituição, que considerou o negro como sub-raça que subestimou sua cultura, suas tradições, que desrespeitou seus mais legítimos direitos, que esmagou suas mais heróicas revoltas como a de Palmares, que fez a Abolição da Escravatura muito mais no papel do que na prática, porque na realidade os direitos dos negros apenas teoricamente foram iguais aos dos brancos.

O mundo e particularmente o Brasil tem uma dívida imensa para com a raça negra. E chegará o dia em que os negros, suficientemente conscientizados e politizados, cobrarão essa dívida com juros e correção monetária. E não estarão eles, com a celebração do Dia Nacional da Consciência Negra, começando a realizar essa cobrança?

## Festival de Iemanjá

Artur Malheiros

Recibi convite da Prefeitura Municipal do Jabotão para participar do "I Festival pra Iemanjá", promovido por sua Secretaria de Turismo e Recreação, no período de 4 a 8 de dezembro. Formalmente, bastaria que dissesse, daqui, muito obrigado ao titular da Pasta, meu amigo Manoel Malta, fazendo o elogio da iniciativa. Informalmente, vou mais além: dou meus parabéns aos promotores da festa, fazendo votos no sentido de que muitas outras promoções se sucedam. Promoções de natureza turística e de recreação, para que o desenvolvimento do Município possa ter mais uma porta aberta.

Com a dinâmica da administração Geraldo Melo e o arranque proporcionado

pelo Projeto Cura, Jabotão veste roupa nova. Modifica-se, transforma-se, saindo do velho marasmo administrativo do tempo em que se dizia que não valia a pena urbanizar as praias de Piedade, Candeias, Venda Grande ou Barra de Jangada, porque os moradores, na sua grande maioria, não eram eleitores do Município do Jabotão.

Durante muito tempo um imenso campo para a arrecadação ficou abandonado, entregue à própria sorte. Hoje, a Prefeitura aplica muito dinheiro nessas áreas urbanas, mas somente o imposto predial que arrecada, compensa o esforço que vem sendo feito em benefício da comunidade. Modesto proprietário, esperando a entrega de um apartamento para

que possa vir a ser merador de Candeias, andei gritando contra o imposto territorial, mas, diante da boa aplicação, terminei calando.

Voltando ao Manoel Malta de Araújo, quer dizer, ao "I Festival pra Iemanjá", achei excelente o programa desde a apresentação do "Caboclinhos Sete Flexas", meu velho conhecido de anos atrás, quando representava o Governo na Comissão Promotora do Carnaval, até a parte final dos "terreiros", que será encerrada com o "Culto Africano Santa Bárbara". Certo do sucesso do Festival, possa ou não comparecer, desejo que se façam novos festivais como esse, para que Jabotão também seja bom no Turismo, que além de oferecer recreação e lazer, é ótima fonte de renda.